

# GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO “É CLARO QUE”: PADRÕES NA FALA E NA ESCRITA

Solange de Carvalho FORTILLI<sup>1</sup>  
Sebastião Carlos Leite GONÇALVES<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, tratamos da construção “é claro (que)”, que se configura como oração matriz, na qual se encaixa uma oração completiva em posição argumental de sujeito. Com base em amostras de fala e de escrita do português contemporâneo, apresentamos evidências de que essa construção vem passando por processos de mudança identificados com a gramaticalização e a dessentencialização de orações. Analisando parâmetros como *posição da construção*, *presença de cópula* e *presença de complementizador*, mostramos que a ausência de cópula e de complementizador na matriz leva à redução do complexo oracional, que, de bioracional, passa a mono-oracional, e à alteração categorial do adjetivo matricial, que passa a ter funcionamento adverbial.

**Palavras-chave:** Subordinação. Oração Matriz. Adjetivo. Gramaticalização.

---

1 Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – UNESP – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. Fapesp (Proc. 2009/07230-6). [fortilli@yahoo.com.br](mailto:fortilli@yahoo.com.br)

2 Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – UNESP – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. CNPq (Proc. 305264/2011- 7). [scarlos@ibilce.unesp.br](mailto:scarlos@ibilce.unesp.br)

## Introdução

Em português há um tipo de encaixamento que atinge as denominadas orações substantivas, assim classificadas por se equipararem a um sintagma nominal. O complexo oracional em que elas ocorrem se caracteriza por conter uma oração matriz, na qual a oração substantiva se encaixa, na qualidade de argumento, configurando um processo de complementação ou subordinação sentencial. Compreende-se, pois, por complementação/subordinação o mecanismo por meio do qual uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. O constituinte complementado por argumentos é chamado predicado matriz, e a oração que contém esse predicado como núcleo é a oração matriz (GONÇALVES, 2006).<sup>3</sup>

A classificação de orações completivas leva em conta a posição argumental que elas ocupam no interior do complexo oracional, o que se define pela estrutura argumental do predicado matriz no qual elas se encaixam (por exemplo, em posição de primeiro argumento, caso das subjetivas, em posição de segundo ou de terceiro argumento, caso das objetivas, ou mesmo em posição de argumento de nomes ou de adjetivos, caso das completivas nominais).<sup>4</sup>

Orações subjetivas constituem o tipo de completiva que apresenta maior variedade morfossintática de tipo matricial. Podem apresentar como núcleo predicador um verbo, um nome ou um adjetivo, conforme (1a) a (1c), respectivamente.

- (1) **a. Parece** // que vai chover.
- b. É verdade** // que vai chover.
- c. É lógico** // que vai chover.

---

3 Neste artigo, empregamos intercambiavelmente os termos *subordinação*, *encaixamento* e *complementação* e seus respectivos correlatos.

4 Excluem-se dessa relação de subordinação tipos oracionais que não sustentam relação do tipo predicado-argumento (GONÇALVES et al., 2008), como, por exemplo, orações adverbiais, apositivas, relativas explicativas.

Já foram investigadas em língua portuguesa construções com orações subjetivas ligadas a predicados verbais (GONÇALVES, 2004, 2006) como em (1a), porém, interessam-nos as orações que se vinculam a um predicado adjetival, (como em (1c)). Tradicionalmente, considera-se que o predicado adjetival pode estabelecer relações com a oração subjetiva por meio de verbos como *ser*, *parecer*, *tornar*, *ficar* (BECHARA, 2006), os quais carregam as noções gramaticais como Tempo, Modo e Aspecto.

Dentre as matrizes com predicado adjetival, observamos especificamente a construção<sup>5</sup> *é claro que*, exemplificada nas ocorrências em (2) abaixo.

- (2) **a. é claro** que regras gramaticais:: isso vai ficando pra trás (BDI, AC-84, L. 40)
- b. É claro** que, acima de tudo, o que fez a fama da série foi o talento literário de Simenon. Série muda gênero policial (FSP, 05/03/2011)
- c. é claro** que cada um tem o seu tipo de trabalho. (BDI, AC-86. L 539)

Nosso interesse nessa construção deve-se à observação de seus diferentes formatos na fala e na escrita, o que pode ser entendido como pista indicativa

---

5 Nos estudos atuais de gramaticalização, ao termo “construção” é conferido um sentido mais estrito do que aquele que aparece nos estudos clássicos. O termo, na consideração tradicional, é muitas vezes empregado simplesmente para se referir ao contexto linguístico específico que favorece o desencadeamento de um processo de gramaticalização seja de itens particulares, seja de uma sequência de lexemas a que um item pertence (BYBEE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Em desenvolvimentos mais recentes, e em acordo com a concepção de uma Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001), o termo identifica o pareamento simbólico de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), perpassando os diferentes níveis de análise acima do morfema; tal proposta torna possível o estabelecimento de um sistema hierárquico, que vai de macro-construções (construções totalmente esquemáticas) a construtos (ocorrências particulares), passando por meso-construções e micro-construções (TRAUGOTT, 2008). Assim, é possível, sob essa perspectiva, considerar a gramaticalização como também um processo de construcionalização, por meio do qual uma construção lexical (substantiva) se gramaticaliza, à medida que vai se tornando mais e mais esquemática, em forma e em significado, e desenvolve novas funções gramaticais (TRAUSDALE, 2008). Embora essas duas acepções do termo não sejam totalmente incompatíveis entre si, é mais sob a acepção clássica que empregamos, neste artigo, o termo “construção”.

de mudanças linguísticas que a vêm atingindo e, possivelmente, se espalhando para outros tipos de predicados de mesma natureza, como *lógico*, *óbvio* etc. Os dados em (3) exemplificam essas mudanças.

- (3) **a. Claro que** o meio/fim dos anos 1960, com Beatles, Stones, Beach Boys, Who, Kinks, Dylan e tantos outros, ainda é imbatível em termos de inventividade. (FSP, 02/05/2011)
- b.** tem que estudar sim... **claro.** (BDI, AC-22, L.636)
- c.** É um pássaro? Um avião? Um teleférico? Não. A primeira-dama da TV chega em uma espécie de gaiola suspensa por cabos de aço. Gaiola chique. **É claro.** (FSP, 15/03/2011)
- d.** Adriana Santana, a ainda Miss Campos dos Goytacazes, dando o ar de de sua graça numa participação no programa “Zorra Total”. Inexperiente como atriz, **é claro**, mas toda charme, toda bela. Renato Kramer boca do lixo. (FSP, 13/03/2011)

Tais ocorrências, dadas suas estruturações sintático-semânticas, permitem reconhecer, para o adjetivo *claro*, um funcionamento que pode ser resultante de processos de mudança identificados com a gramaticalização (HEINE et al., 1991; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993]; THOMPSON; MULAC, 1991) e a dessentencialização (LEHMANN, 1988), por meio dos quais ocorrem mudanças relativas ao adjetivo matricial e à transformação da construção complexa em simples.

Nossa investigação empírica tomou por base amostras do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que totaliza cerca de 1,5 milhão de palavras e tem registrado em seu banco de dados, denominado *Iboruna* (BDI), amostras do português falado na região noroeste do Estado de São Paulo (GONÇALVES, 2007b). Para a abordagem da modalidade escrita, selecionamos os textos que compõem o caderno *Ilustrada* da versão *online* do jornal *Folha de S.Paulo* (FSP), veiculados no período de 01 de janeiro de 2009 a 30 de julho de 2011, os quais somam juntos 2,5 milhões de palavras. Para nossas análises,

recolhemos dados do adjetivo *claro* que apresentam uso alternante de cópula, quer na estruturação de orações matrizes quer em usos parentéticos, como mostrado em (2) e (3) acima, de modo que pudéssemos caracterizar os processos de mudança linguística envolvidos, visualizando padrões na fala e na escrita.

As ocorrências provenientes dos *corpora* foram analisadas de acordo com os fatores *presença (ou ausência) de cópula, presença (ou ausência) de complementizador e posição da construção no enunciado* (inicial, medial e final).

O restante do artigo está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos breves considerações teóricas relativas à combinação de orações e aos processos de gramaticalização e dessentencialização. Na segunda, procedemos à caracterização da estrutura *é claro que* na fala e na escrita, com vistas à elucidação do processo de mudança linguística. Na terceira parte, destinada às considerações finais, mostramos traços das construções em análise, no que se refere às semelhanças e diferenças nas modalidades analisadas.

## **Alinhamento teórico: gramaticalização e dessentencialização**

Pode-se entender a gramaticalização, a partir de Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), como um tipo de mudança linguística em que elementos do léxico passam a desempenhar funções gramaticais, ou elementos já gramaticais passam a desempenhar funções ainda mais gramaticais, em um processo unidirecional. Esse tipo de mudança envolve outras, de diferentes naturezas, pois, quando um elemento ganha significado gramatical, além de mudar de categoria, pode ter mudanças fonológicas, morfossintáticas e semânticas. Assim, as duas principais evidências de que a gramaticalização ocorreu são a mudança de classe gramatical e a mudança de significado.

Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) entendem que o processo de gramaticalização envolve transferência de sentidos entre categorias cognitivas relevantes para a experiência humana. Assim, os autores apresentam categorias capazes de

conceituar esses diferentes domínios de experiência no seguinte *cline*: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. A mudança de uma categoria para outra se dá por transferência metafórica, e sempre da esquerda para a direita. Portanto, uma categoria cognitiva da esquerda pode ser usada “metaforicamente” para conceituar a da sua direita. Desse modo, objeto pode ser usado para conceituar espaço, espaço pode ser usado para conceituar tempo, e assim por diante.

Esse processo de transferência metafórica ocorre de um domínio cognitivo para outro, entendidos como dispostos em uma “cadeia”, ainda que não haja limites claros entre eles. É um processo unidirecional, pois parte da esquerda para a direita e pode ser definido em termos de “abstração metafórica”, em que a categoria da esquerda é “menos abstrata” do que qualquer categoria à sua direita.

De forma semelhante, Hopper e Traugott (2003 [1993]) consideram que, quando uma forma lexical ganha características gramaticais, pode-se dizer que ela se gramaticalizou. No entanto, essa forma não muda abruptamente de uma categoria para outra, mas passa por mudanças graduais que podem percorrer um *cline* do tipo: *item lexical* > *item gramatical* > *clítico* > *afixo flexional*. Cada item, localizado à direita, é mais gramatical que o seu par à esquerda. No entanto, esses autores enfatizam a grande dificuldade em se estabelecerem limites claros entre as categorias representadas no *cline* e que, por isso, ele não pode ser entendido como um *continuum* com pontos rígidos, ou como uma sequência simples, já que a ocorrência de sobreposições entre as formas e/ou funções antigas e as novas é esperada.

Ampliando o nível de atuação da gramaticalização, do léxico/construção à oração, Hopper e Traugott (2003 [1993]), com base em Haiman e Thompson (1988), Halliday (1985), entre outros, defendem um modo tripartite para um entendimento mais satisfatório de como as orações se articulam no interior de um complexo oracional, propondo a seguinte separação: *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação*. Tal distinção é explicada com base no reconhecimento de diferentes

graus de integração sintática, reveladores de um percurso unidirecional de gramaticalização dessas orações. Há assim uma rejeição ao modo dicotômico como abordagens tradicionais postulam a vinculação de orações de uma oração complexa, ou por coordenação ou por subordinação, em favor de um enfoque que distribui as orações complexas ao longo de um *continuum* conforme o maior ou menor grau de integração de seus segmentos constitutivos. Valendo-se, então, da combinação dos traços [dependência] e [encaixamento], Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 170) propõem o *continuum* dado abaixo, para colocar de um lado os casos de relações táticas e, de outro, os casos de subordinação estrita.

*Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Sob os critérios de *dependência*, *integração* e *tipo de ligação* entre orações, propõem ainda os autores (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 172) as seguintes propriedades da combinação de orações:

Propriedades gradientes da combinação de orações

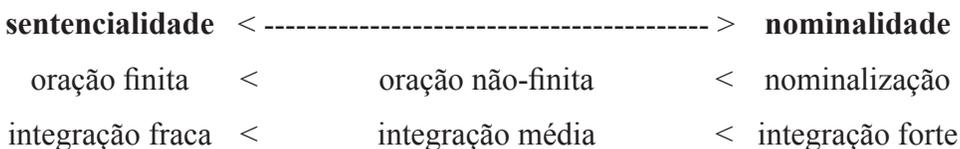
<b>Parataxe</b>	<b>Hipotaxe</b>	<b>Subordinação</b>
(independência)	(interdependência)	(dependência)
Núcleo	<----->	Margem
integração mínima	<----->	integração máxima
ligação explícita máxima	<----->	ligação explícita mínima

A partir das propriedades dadas nessa esquematização, *parataxe* se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações; *hipotaxe*, pela relativa interdependência e por um grau intermediário de integração; e *subordinação*, por total dependência e integração máxima entre

orações, ou seja, a margem é encaixada em um constituinte da oração núcleo, sem necessariamente contar com um nexos que as una.

Mesmo em se tratando de subordinação *stricto sensu*, há exemplares mais gramaticalizados (ou mais integrados) do que outros, como explicita Lehmann (1988) em sua proposta de gramaticalização e dessentencialização de orações. A depender do grau de finitude da oração encaixada, ela pode apresentar-se forte ou fracamente integrada a um núcleo, que pode, inclusive, tomar como margem uma oração reduzida ao grau máximo de dessentencialização, representado pelos casos de nominalização, como mostra o esquema abaixo, adaptado do autor (p. 200).

*Continuum* de sentencialidade



Rearranjando a classificação tradicional das orações complexas dentro desse esquema de combinação de orações, tem-se, então, sob a designação de *parataxe*, orações coordenadas e justapostas, sob a designação de *hipotaxe*, orações adverbiais e apositivas, e, por fim, sob a designação de *subordinação*, apenas as subordinadas substantivas e adjetivas restritivas.

A frequência de uso de uma forma ou construção em gramaticalização, no transcorrer de seu caminho evolutivo, constitui um indício importante da ocorrência do processo. Itens ou construções mais gramaticais apresentam frequência textual alta, enquanto itens ou construções lexicais apresentam frequência baixa.<sup>6</sup> O crescimento da frequência de uso surge como uma con-

6 Faz sentido aqui evocar, neste ponto, a diferença postulada pela Gramática de Construções entre construções lexicais e construções gramaticais. Segundo Croft (2001, p. 16-17), o que diferencia uma construção lexical de uma construção sintática com função gramatical é que a construção lexical é ao mesmo tempo substantiva e atômica (uma unidade sintática, completamente especificada em forma e significado) enquanto uma construção sintática é ao mesmo tempo esquemática e complexa (uma combinação de unidades sintáticas em que forma e significado são menos específicos).

sequência do aumento no número de contextos em que o item/construção é empregado. Segundo Bybee (2003), a repetição frequente de uma construção desempenha um papel importante em mudanças que ocorrem durante o processo de gramaticalização, dentre elas, o enfraquecimento semântico pela habitualidade, que permite o uso da construção em novos contextos, com novas associações pragmáticas, colaborando para a ocorrência de mudanças semânticas.

Quando associamos essas considerações de Bybee às de Traugott (2003), é possível pensar na generalização por que passa um item/construção, considerada crucial para a gramaticalização. A generalização representa importantes ganhos de ordem semântica e pragmática, dentre eles, o fortalecimento da subjetividade, ou seja, a tendência de os significados se tornarem crescentemente baseados em estados, atitudes e crenças subjetivas dos falantes em relação à situação. A subjetivização é definida por Traugott (2003) como o processo semasiológico por meio do qual significados passam, com o tempo, a codificar perspectivas e atitudes baseadas não nas características do evento ou situação referente ao “mundo real”, mas no mundo comunicativo do evento da fala. A subjetivização equivale ao modo pelo qual os falantes desenvolvem novas significações para palavras já existentes, expondo, via recursos linguísticos, atitudes baseadas no próprio universo da comunicação.

Valendo-se dos princípios da gramaticalização e considerando a frequência e a rotinização das expressões na língua, Thompson e Mulac (1991) explicam como construções com verbos como *guess* e *think* do inglês passam de oração matriz a funcionamento adverbial, conforme os casos abaixo, extraídos dos autores (p. 248).

- (4) a. **I think** that we’re definitely moving towards being more technological.  
 b. **I think** Ø exercises is really beneficial, to anybody.  
 c. It’s just your point of view you know what you like to do in your spare time, **I think**.

Para Thompson e Mulac (1991), as ocorrências de *I think* em (4b) e (4c) constituem versões gramaticalizadas da ocorrência em (4a). As evidências sugerem que as construções [sujeito + verbo], ocorrendo sem complementizador, são reanalisadas pelos falantes como expressões epistêmicas, que têm liberdade sintática, funcionando como um constituinte adverbial. Em tais circunstâncias, em que não ocorre o complementizador, a expressão parentética recebe menos acento do que o verbo principal. Além disso, como advérbio, essas expressões não se restringem a uma posição na cláusula. A mudança de sentido também é perceptível: quando utiliza construções como (4b) e (4c), chamadas pelos autores de *parentéticos epistêmicos*, o falante não está demarcando uma posição epistemológica, mas indicando o grau de validação da declaração, sugerindo que não tem nenhuma evidência direta para ele. A nomenclatura atribuída pelos autores aos itens que passam por esse tipo de processo de mudança linguística suscita a discussão sobre a natureza dos parênteses, que podem ser entendidos como uma modalidade de inserção, ou seja, breve suspensão do tópico discursivo em curso, que não constitui uma nova centração tópica, não afetando, portanto, a coesão do tópico dentro do qual ocorrem (JUBRAN, 2006, p. 303). Quanto à constituição formal, os parênteses podem compor-se de Marcadores Discursivos ou de unidades limítrofes que se assemelham aos marcadores discursivos, mas não compartilham de algumas de suas características.

No português brasileiro, algumas outras construções já foram investigadas sob a ótica de um tipo de gramaticalização que as leva a se transformar em parentéticos, embora não envolvam matrizes adjetivais, mas verbais. É o caso dos trabalhos de Gonçalves (2003) e Casseb-Galvão (1999), que investigaram o processo de gramaticalização dos verbos *parecer* e *achar*, respectivamente, processo do qual resultam construções parentéticas epistêmicas, de caráter adverbial ((5e), (6d)), originadas em contextos de orações matrizes ((5c), (6c)), anteriormente, predicções plenas simples ((5a), (6a)), como mostram as ocorrências abaixo, exemplificativas da escala de gramaticalidade desses dois predicados.

(5) escala de gramaticalidade do verbo *parecer*a. *parecer*<sub>1</sub> (predicado verbal)

[o amendoim] **fica parecendo** um caramelo. (PEUL/CEN/E39)

b. *parecer*<sub>2</sub> (suporte da predicação / operador modal)

o senhor **me parece** uma pessoa bem politizada mesmo, né?  
(PEUL/TEN/T31)

c. *parecer*<sub>3</sub> (predicado de atitude proposicional)

ODEIO baile funk [...] eu não moro o próximo ao morro, mas **parece que** a música está dentro do meu quarto por causa do eco, entendeu?  
(PEUL/TEN/T22)

d. *parecer*<sub>4</sub> (quase-satélite atitudinal)

nós nos casamos no civil... **parece que** de manhã  
(NURC/RJ/SET/71)

e. *parecer*<sub>5</sub> (satélite atitudinal)

**me pa-re-ce** se eu bem entendi o salário mínimo é trezentos  
(NURC/RJ/COM/27)

eles preferiram transferir **parece** para o dia das crianças  
(PEUL/CEN/E32)

naquele tempo devia ser presunto e queijo ... **parece**  
(NURC/RJ/SET/71)

(GONÇALVES, 2003, p. 96-97)

(6) escala de gramaticalidade do verbo *achar*a. *achar* 1 (ação-processo)

V. num tá estudando ... quero ver si **acho** uma vaga ... vai voltá a estuda (RD F, 40a., 0)

b. *achar* 2 (apreciação)

**eu achava** uma vida farta ... eu sempre gostei de Rondon (RD F, 3?a., 3)

**eu acho** ruim fazê cumida separado (RD F, 40a, 0)

c. *achar* 3 (palpite)

**eles acha** que aqui é muito difícil (RD M, 2 (5b))

d. *achar* 4 (parentético epistêmico)

... agora **eu acho** ... estamos vendo a tentativa de um cinema mais expressivo (NURC, F, 2)

essa (música) **eu acho** tu sabes qual é (NS)

eu num sei nem contém ... **eu acho** (RD, F, 2 (2a))

(CASSEB-GALVÃO, 1999, p. 73; 78; 81; 90; 95-96)

Indo além das interpretações de Thompson e Mulac (1991), Gonçalves (2003) e Casseb-Galvão (1999), o tratamento desses casos como afetados também por um processo de dessentencialização requer que se evoquem aqui os seis parâmetros semântico-sintáticos propostos por Lehmann (1988), para tratar da desvinculação de orações componentes de uma construção complexa. São eles:

- i. “rebaixamento” hierárquico da oração subordinada;
- ii. nível sintático da oração principal e da subordinada;
- iii. “dessentencialização” da oração subordinada;
- iv. gramaticalização do verbo principal;
- v. entrelaçamento das duas orações;
- vi. grau de explicitação do vínculo oracional.

(LEHMANN, 1988, p. 183)

Interessam-nos, nesse momento, os parâmetros (iii) e (iv). Lehmann (1988) prevê, dentre outros aspectos, que pode haver um processo de redução da oração principal, por meio da gramaticalização de seu núcleo. Nesse caso, verbos plenos tornam-se modais e auxiliares. Já para a oração subordinada, pressupõe-se um tipo de dessentencialização que leva à sua nominalização. Em ambos os casos, o complexo oracional reduz-se a uma construção simples. A aplicação desses parâmetros de Lehmann aos nossos dados requer certa cautela, uma vez que estamos lidando com construções compostas por predicador adjetival,

caso não previsto na proposta do autor, que contempla somente predicacões formadas por predicadores verbais, tanto na oraão principal quanto na subordinada.

## **A construoão “é claro que”: padrões na fala e na escrita**

Antes de iniciarmos a análise sobre os padrões das construoões com *claro*, é importante tecer algumas considerações sobre a natureza desse adjetivo. Trata-se de um adjetivo com valor modal, entendendo a modalidade como o meio pelo qual o falante expressa suas opiniões ou atitudes em relaão à proposião que a sentença expressa ou em relaão à situaão que ela descreve (DIK, 1997).

No quadro das modalidades, *claro* situa-se dentre os modais epistêmicos, pois faz parte dos meios linguísticos pelos quais o falante pode expressar seu grau de certeza em relaão à verdade de uma proposião. Especificamente, trata-se de um predicado epistêmico que indica certeza do falante sobre o que é dito.

Passando-se à análise, encontram-se na tabela abaixo os padrões de construoões com *claro* encontrados nos *corpora* de fala e de escrita. Além da indicaão de determinado padrão, definido pela combinatória dos fatores analisados, destacamos também sua frequêcia em cada modalidade.

Modalidade /cópula		Fala		Escrita	
		Com cópula	Sem cópula	Com cópula	Sem cópula
Com <i>que</i>	Inicial	6 (66%)	10 (52%)	11 (16%)	17 (17%)
	Medial	-	-	-	-
	Final	-	-	-	-
Sem <i>que</i>	Inicial	-	1 (5,2%)	-	8 (8%)
	Medial	2 (22%)	1 (5,2%)	47 (68%)	60 (60%)
	final	1 (12%)	7 (37,5%)	11 (16%)	15 (15%)
Subtotal		9 (32%)	19 (68%)	69 (41%)	100 (59%)
Total		28 (100%)		169 (100%)	

**Tabela 1:** Padrões de construções com *claro* na fala e na escrita

Antes de tudo, é importante dizer que *claro*, por sua natureza semântica e pragmática, concorre com outros adjetivos epistêmicos, como *lógico*, *óbvio* e *evidente*, e se mostra como o mais utilizado nos dois *corpora* investigados. Tendo em vista essas outras opções do falante e o fato de as construções com *claro* serem mais presentes e mais variáveis do que outras cujos efeitos no discurso seriam semelhantes, é que consideramos o fenômeno em questão bastante produtivo na língua.

A partir dos resultados expostos na Tabela 1, constata-se a atualização de sete diferentes padrões de construções com *é claro que* e suas formas variantes. É interessante observar a total identidade entre os padrões da fala e da escrita, o que mostra que a modalidade não é um fator que diferencia as construções em termos de sua possibilidade de ocorrência na língua. Podemos, porém, notar distinções em termos de frequência de um ou outro padrão, o que será discutido adiante.

Alinhados à ideia de Gonçalves (2003), constatamos que, quando presente, a cópula que antecede o predicado adjetival é o verbo *ser*, no presente do indicativo: “o verbo da matriz aparece na 3ª pessoa do singular e na maioria das vezes no tempo presente do indicativo” (p. 187). Nas ocorrências encontradas,

não há variância modo-temporal na forma da cópula, porque, como construção impessoal já bastante frequente e rotinizada na língua, ela se fixa na terceira pessoa do presente do indicativo. Além disso, considerando que a própria natureza dessa construção é expressar atitude do falante, muito frequentemente, a avaliação do usuário sobre o conteúdo da oração encaixada é concomitante com o tempo presente da enunciação (GONÇALVES, 2003, p. 72).

Observando *é claro que* como uma estrutura matriz quase fixa, notamos, em alguns casos, a ausência do verbo suporte, indício do processo de mudança linguística em curso. À medida que perde a cópula, a construção matriz deixa de ter tal estatuto, pois inicia-se sua dessentencialização, aqui entendida de modo ligeiramente diferente do proposto por Lehmann (1988), ou seja, como um processo de redução de uma oração matriz ao seu núcleo.

Observamos que a cópula está presente em três padrões da fala e da escrita, sendo um deles a forma canônica mostrada em (7), em que, além desse recurso, ainda se conservam a posição típica e o complementizador.

- (7) **é claro** que tem aquelas pessoas que sabem aproveitar  
(BDI, AC-22, L. 563)

Já os outros dois padrões em que ocorre cópula são aqueles em que, ainda que não haja mais encaixamento, parte da estrutura se mantém, estando resumida a *é claro*. Recorrendo às ideias de Thompson e Mulac (1991), de que, nos dados mostrados em (4), (4b) e (4c), constituem versões gramaticalizadas de (4a), as evidências sugerem que as construções [sujeito + verbo], ocorrendo sem complementizador, são reanalisadas pelos falantes como expressões epistêmicas, que têm liberdade sintática, funcionando semelhantemente a outras expressões epistêmicas, como *maybe*. Aproximando tais considerações de nossos dados, podemos considerar que, na construção com *claro*, o que ocorre é a reanálise de [verbo *ser* na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo + adjetivo] como um só elemento, cujo funcionamento se alinha ao dos advérbios, como mostram (8) e (9).

- (8) aí só ligar pro cliente... ((risos)) ele vem buscar ((risos))... deixando o cheque **é claro** (BDI, AC-53, L. 332)
- (9) O destaque em grande parte, **é claro**, tem origem na interpretação das palavras do curador da Flip. (FSP, 13/07/2011)

Nesses dois últimos padrões, observamos que a construção *é claro* já deixou de se configurar como estrutura de encaixamento de oração subjetiva e, portanto, não apresenta o complementizador *que*, o qual, segundo Carone (1988), é o responsável pelo fenômeno da inserção, claramente presente porque a posição inferior de uma das orações sugere sua subalternidade e sua dependência de uma outra. A autora lembra que o instrumento que a opera é o complementizador, “que tem, entre outras, a propriedade de obrigar toda uma oração a comportar-se como parte de outra” (p. 49). Já para Cunha e Cintra (2001), quando a oração tem seu verbo na forma finita, é introduzida pelo conector *que* (às vezes, o conector *se*), que marca a subordinação. Já aquelas que têm seu verbo na forma infinitiva não são antecedidas por nenhum conector.

É importante nos determos na afirmação de que os predicados adjetivais podem encaixar tanto orações finitas quanto não-finitas. Para autores como Lehmann (1988) e Givón (1990), a não-finitude de uma oração encaixada indica maior vinculação sintática com sua matriz. Tal consideração pode nos levar a compreender que, estando mais ligadas, há uma tendência de que a oração matriz e a subordinada não-finita continuem a operar juntas. Ao contrário, quando a subordinada tem verbo finito, mostra-se mais independente, podendo funcionar sozinha. É correto pensar então que as orações subordinadas subjetivas finitas estão mais aptas a funcionarem sozinhas, o que tem como consequência a possibilidade de “esfacelamento” da matriz, processo aparentemente iniciado pela perda da cópula.

Desse modo, como as orações com as quais *é claro que* ocorre são sempre orações finitas, é possível que ela funcione como absoluta, daí a possibilidade de apagamento do conector que a encaixava. Queremos dizer que, funcionando

como uma oração absoluta, a antiga oração subjetiva não estabelece com o predicado que constituía a sua matriz o mesmo nível de vinculação que tinha anteriormente, o que permite o desaparecimento daquilo que Lehmann (1988) chama de conector universal, o *que*. Conforme já mostrado, ocorre então uma transformação do antigo núcleo da matriz, que passa a se comportar como advérbio.

Complementarmente, a observação da posição em que a estrutura *é claro* se coloca revela outros aspectos importantes sobre a mudança linguística em curso nessas construções. Consideramos, com Gonçalves (2003), a anteposição, ou a posição inicial, como a preferida pelas orações matrizes; por conseguinte, a encaixada coloca-se na posição final. Pode-se dizer que, quanto mais complexo (ou mais “pesado”) é um constituinte, maior é sua tendência a aparecer à direita, o que se confirma no caso das construções subjetivas, que, mais pesadas, posicionam-se no fim da sentença, a despeito de a posição não-marcada de sujeito, em português, ser a posição à esquerda da sentença. Apoiando-se em autores como Dik (1989), Gonçalves, Casseb-Galvão e Sousa (2008) explicam essa tendência através de dois princípios, que parecem valer para qualquer língua. O primeiro desses princípios é mais geral; o segundo, mais específico, pode ser considerado um detalhamento do primeiro.

**Princípio geral de Ordenação:**

Há uma preferência para sequenciar os constituintes em ordem de complexidade crescente, que é definida pelo princípio específico abaixo:

**Princípio específico de Ordenação:**

A complexidade categorial se estabelece da seguinte forma:

- i. clítico < pronome < SN < sintagma adposicional < sentença subordinada;
- ii. para qualquer categoria X: X < X co X;
- iii. para quaisquer categorias X e Y: X < X [sub Y].

DIK (1989, p. 45)

Quando a oração matriz formada por *é claro que* deixa de ter esse *status*, isto é, quando deixa de encaixar uma oração, observamos que sua

complexidade sintática diminui ainda mais, no sentido de que a estrutura de encaixe fica reduzida ao seu núcleo. Assim, como constituinte mais leve, *claro* passa a atuar em diferentes posições da sentença, atuando também nessa colocação fatores relacionados ao seu escopo.

Nos dados em que não se tem cópula, quatro outros padrões se atualizam nas duas modalidades. Um deles é aquele em que é preservada quase toda a estrutura primária da construção encaixadora, prescindindo-se apenas da cópula, como mostrado em (10).

- (10) **Claro que** eu penso ... eu me esforço pra poder parar  
(BDI, AC-36, L. 405)

Há também, nas duas modalidades, um padrão em que o adjetivo matricial ainda está em posição inicial, porém sem cópula e sem complementizador, como mostrado em (11).

- a. **claro** cê num tá mais no fundo conversando (BDI, AC-13, L. 76)  
b. **Claro**, nunca o vi reunido com o contador na hora de pagar seus impostos e dar adeus aos seus quaquilhões. (FSP, 18/06/2011)

Nesse caso, a ligação entre *claro* e a oração que o segue dá-se por meio da prosódia, considerando a vírgula como sua representação na escrita. Mesmo conservando sua posição típica de núcleo de uma oração matriz, nesses casos, *claro* já funciona como elemento adverbial, ou como parentético epistêmico, nos termos de Thompson e Mulac (1991), de maneira semelhante ao caso (4a) desses autores.

Alinhando-se as suas contrapartes com cópula, os outros dois padrões são aqueles em que o antigo adjetivo matricial circula nas posições medial e final da sentença, como em (12) e (13), respectivamente.

- (12) São ao menos três iniciativas tupiniquins que tentam espaço num mercado em que os primeiros passos foram dados pelas americanas Google (com o plano de expansão da digitalização de livros pelo Google

Books) e Amazon (com a venda do leitor Kindle no Brasil). E são ações que, **é claro**, ainda encontram barreiras. (FSP, 07/12/2009)

- (13) eu cuidava... d'uma de quatro a::no... de manhã::... essa num... num tinha problema nenhum... normal... só que tinha que tê(r) aquele cuidado **claro**. (BDI, AC-62, L. 343)

As mesmas propriedades observadas na contraparte com cópula aplicam-se a essas construções em que figura apenas o item *claro*.

A observação dos padrões da construção *é claro que* na fala e na escrita permite visualizar usos mais identificados com adjetivos, como nos casos em que *claro* encaixa uma proposição, até usos mais alinhados aos advérbios, representados pelas ocorrências em que a construção já não encaixa uma completiva. Assumindo, com Brinton e Traugott (2005), que os advérbios são mais gramaticais do que os adjetivos, verificamos que, de um uso a outro, há um processo contínuo de mudança, identificado com a gramaticalização.

Ao estudar o caso da construção *I promise*, do inglês, Traugott (1989) propõe um contínuo para a mudança semântica: de atos de fala performativos a parentéticos epistêmicos, sendo que da mudança semântica de atos de fala performativos a parentéticos epistêmicos decorre a ampliação do escopo de *dentro* da sentença para *sobre* a sentença toda. Embora não estejamos lidando com performativos, observamos em *claro* percurso semelhante.

Além de mudança categorial, a gramaticalização inclui, dentre outras transformações, alterações no significado. Traugott e König (1991) atestam que a repetição e a rotinização de um item/construção levam a sua generalização, que comumente está associada aos estágios mais tardios do processo de mudança. Para esses autores, há importantes ganhos de ordem semântica e pragmática, dentre eles, o fortalecimento da subjetividade, ou seja, a tendência de os significados se tornarem crescentemente baseados em estados, atitudes e crenças subjetivas dos falantes em relação à situação. A subjetivização equivale ao modo pelo qual os falantes desenvolvem novas significações para expressões já existentes, expondo, via recursos linguísticos, atitudes baseadas no próprio universo da comunicação.

Usado em um maior número de contextos, devido a sua multifuncionalidade, *claro* está relacionado mais à ideia de obviedade, advinda da imagem que o falante faz sobre os conhecimentos prévios do ouvinte, do que à ideia inicial de clareza. O falante parece pressupor as informações e opiniões compartilhadas na interação, mas, mesmo assim, julga conveniente corrigir alguma parte da informação pragmática do ouvinte (DIK, 1989).

O processo de subjetivização parece estar bastante presente na trajetória de *claro*, já que, como parte substantiva da construção que compõe, esse item, cada vez mais, deixa de se referir ao conteúdo proposicional para se referir à relação estabelecida entre os interlocutores, marcando, primordialmente, as informações que eles julgam comuns a ambos. Essas considerações condizem com as de Grice (1983), para quem os parentéticos estabelecem, no discurso, uma relação entre o que é dito e o que é implicado.

Destacando das ideias de Lehmann os parâmetros (iii) e (iv), acima expostos e que dizem respeito ao modo de redução de uma oração complexa, observamos que tanto a dessentencialização da oração subordinada quanto a gramaticalização do predicado matriz promovem uma modificação no complexo oracional mais amplo, que de bioracional passa a monooracional. Enquanto a dessentencialização aplica-se à redução da oração subordinada ao seu grau máximo de nominalidade, tornando-a um termo nominal simples atuante no que restou da oração principal, a gramaticalização da oração matriz prevê a transformação de um predicado verbal em afixo do predicado antes subordinado.

Interpretando esses dois parâmetros de modo ligeiramente diferente, mas preservando o resultado final do processo, ou seja, a redução da oração complexa, consideramos que tanto um quanto outro parâmetro atuam conjuntamente na gramaticalização da construção *é claro que*. Ainda que Lehmann não apresente a possibilidade de orações matrizes passarem por um processo de mudança que as torne advérbios, consideramos válido interpretar que a recategorização (portanto, gramaticalização) da construção *é claro que* como advérbio/parentético epistêmico ocorre paralelamente a um processo de

dessentencialização, que reduz a oração matriz ao seu núcleo predicador (*claro*), a exemplo do processo clássico de dessentencialização de uma subordinada, cujo núcleo verbal, ao perder finitude e se tornar uma nominalização, se recategoriza como termo simples atuante no que restou da oração matriz.

Importante dizer que a interpretação que aqui fazemos desses parâmetros de Lehmann deve ter sua validade considerada com base em duas observações: primeira, a de que a proposta do autor deve ao menos ser questionada, por considerar como matrizes de orações subordinadas somente predicados verbais, o que leva a proposta a perder qualquer apelo tipológico; a segunda, a de que existe uma relação mais estreita, em termos funcionais, entre predicados adjetivais e advérbios, pelo papel de modificadores que ambas as categorias podem assumir, do que entre verbo e advérbio. Assim, o que o autor postula como parâmetro próprio que afeta oração subordinada pode também ser aplicado à oração matriz, independente da natureza categorial do predicado que a constitui, como já mostrou também Gonçalves (2004, 2006).

## Considerações finais

Focando as construções com orações subjetivas encaixadas no adjetivo *claro*, analisamos as transformações que levam a sentença complexa a se tornar uma sentença simples pela dissolução da matriz, com vistas a responder em que condições estruturais e discursivas essa mudança pode ocorrer. Com dados de fala e escrita, compreendemos que o fenômeno já é bastante disseminado no português brasileiro.

Por meio da correlação entre os diferentes padrões de construções com *claro*, foi possível esclarecer as mudanças que tomam como base a forma canônica dessas construções e dão origem a construções mais gramaticalizadas. Os dados analisados e as características dos processos de mudança linguística indicados pelos autores (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; LEHMANN, 1988) permitiram detectar em nossos dados um tipo de ocorrência que, ao

nosso ver, apresenta o estágio mais avançado da mudança que vem afetando construções com orações subjetivas. Tais dados possuem três traços que se interrelacionam: a ausência de cópula suporte, a não explicitude de um conector e a mobilidade do adjetivo/advérbio na oração.

Os predicados adjetivais podem encaixar tanto orações finitas quanto não-finitas. Para autores como Givón (1990), a não-finitude da oração encaixada indica maior vinculação sintática com a matriz. Tal consideração nos leva a compreender que, estando mais ligadas, há uma tendência de que a oração matriz e a subordinada não-finita continuem a compor um complexo oracional. Ao contrário, quando a subordinada tem verbo finito, mostra-se mais independente, podendo funcionar sozinha. É correto pensar, então, que as orações subordinadas subjetivas finitas estão mais aptas a funcionarem sozinhas, o que tem como consequência a possibilidade de sua desvinculação da matriz, processo aparentemente iniciado pela perda da cópula. É importante atentar para o fato de que o adjetivo em questão encaixa apenas orações finitas, o que explica o envolvimento do item em casos de gramaticalização como os que analisamos.

Se a subordinada finita pode funcionar como oração independente, espera-se que outras mudanças, além da não expressão da cópula na oração matriz, atualizem-se nessa nova construção. Tais mudanças são o apagamento do conector que a unia à matriz e a mobilidade do termo específico ao qual a subjetiva se unia, o adjetivo. Queremos dizer que, funcionando como uma oração absoluta, a antiga oração subjetiva não estabelece com o predicado que constituía a sua matriz o mesmo nível de vinculação que tinha anteriormente, o que permite o desaparecimento daquilo que Lehmann (1988) chama de conector universal, o *que*. Se o predicado encontra-se desprendido sintaticamente dessa nova oração absoluta, ele ganha mobilidade, continuando a atuar sobre ela, mas não mais como predicado. Assim, a função desse termo muda quando observamos todas as operações na sentença, o que faz com ele se torne um modificador, cuja natureza permite que ele se encontre nas mais diversas posições da sentença.

Associando nossa análise às considerações de Traugott (1989), vemos que *claro* caminha de uma atuação no componente proposicional para, uma vez gramaticalizado, atuar no componente expressivo, que abrange todos os recursos capazes de expressar atitudes e avaliações do falante em relação àquilo que está sendo dito, tal como modalizadores, conectores argumentativos, marcadores de pressuposição e os índices de polifonia. Para a autora, ainda que não envolva uma mudança categorial, o fato de um item ter forte atuação no componente expressivo já é suficiente para atestar sua gramaticalização.

FORTILLI, Solange de Carvalho; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Grammaticalization of the construction “é claro que”: patterns in speech and writing. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 80-106, 2013.

*Abstract: In this paper, we investigate the grammatical construction “é claro (que)”, which is characterized as a matrix clause. As it is produced, an argumentative clause is added to the matrix clause in subject position. We analyze oral speech and writing data of contemporary Portuguese and show that the grammatical construction undergoes processes of change, which are identified by desentencionalization clauses and grammaticalization process. In addition, by analyzing parameters such as the position of grammatical construction, the presence of copulation and the use of a complementizer, we show that the absence of copulation and a complementizer in the matrix leads to a reduced clause, i.e., a monoclausa, and a categorial change of the matrix adjective, which plays the role of functioning adverb.*

**Keywords:** Subordination. Matrix clause. Adjective. Grammaticalization.

## Referências

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 602-623.

CARONE, F. B. **Subordinação e coordenação**. Confrontos e contrastes. São Paulo: Ática, 1988.

CASSEB-GALVÃO, V.C. **O ‘achar’ no Português do Brasil**: um caso de gramaticalização. 1999. 167f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIK, S. **The theory of Functional Grammar**. Pt.II: The structure of the complex clause. Dordrecht: Foris, 1997.

\_\_\_\_\_. **The theory of Functional Grammar**. Pt.I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

FOLHA DE S. PAULO. **Caderno Ilustrada**. São Paulo. Disponível em: <[www.folha.uol.br](http://www.folha.uol.br)> Acesso em: 10 jul. 2011.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological. Introduction. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E.; VALE, O. A. (Org.). **Avanços da Linguística de corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008. v. 1, p. 217-245.

\_\_\_\_\_. **O português falado na região de São José do Rio Preto**: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. Relatório científico parcial apresentado à Fapesp. 2007a.

\_\_\_\_\_. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007b. Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: jul.2012

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de predicados matrizes. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1108-1117, 2006.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de construções com o verbo 'parecer' no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal. **Veredas** (UFJF), Juiz de Fora, v. 8, n. 1/2, p. 195-214, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. 250f. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, S. C. L., CASSEB-GALVÃO, V. C., SOUSA, G. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado culto no Brasil**: classe de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. v. 2, p. 1021-1084.

GRICE, H. P. **Studies in the way of Words**. Harvard: Harvard University Press, 1983.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. London: University Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. [1993].

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. v.1, p. 301-57.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-330.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.) **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 313-329.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and Construction Grammar. **Studies in Historical Linguistics**, v. 1, p. 235-264, 2008.

\_\_\_\_\_. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, R. **Motives for Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

\_\_\_\_\_. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**, n. 65, v. 1, p. 31-55, 1989.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Org.) **Approaches to grammaticalization**. v. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 189-218.

TRAUSDALE, G. Words and constructions in grammaticalization: the end of the English impersonal construction. In: FITZMAURICE, SUZANE M.; MINKOVA, DONKA (Ed.). **Studies in the history of the English language IV: empirical and analytical advance in the study of English language change**. Mouton de Gruyter, 2008. p. 301-326.